



AGA0293 Astrofísica Estelar

Profa. Jane Gregorio-Hetem

Capítulo 16

Remanescentes degenerados de estrelas

16.1...16.5 Anãs Brancas

16.6 Estrelas de nêutrons

16.7 Pulsares

Anãs Brancas

- 16.1 A descoberta de Sirius B
- 16.2 Tipos de anãs brancas
- 16.3 A física da matéria degenerada
- 16.4 O limite de Chandrasekhar
- 16.5 O esfriamento das Anãs Brancas

16.1 A descoberta de Sirius B



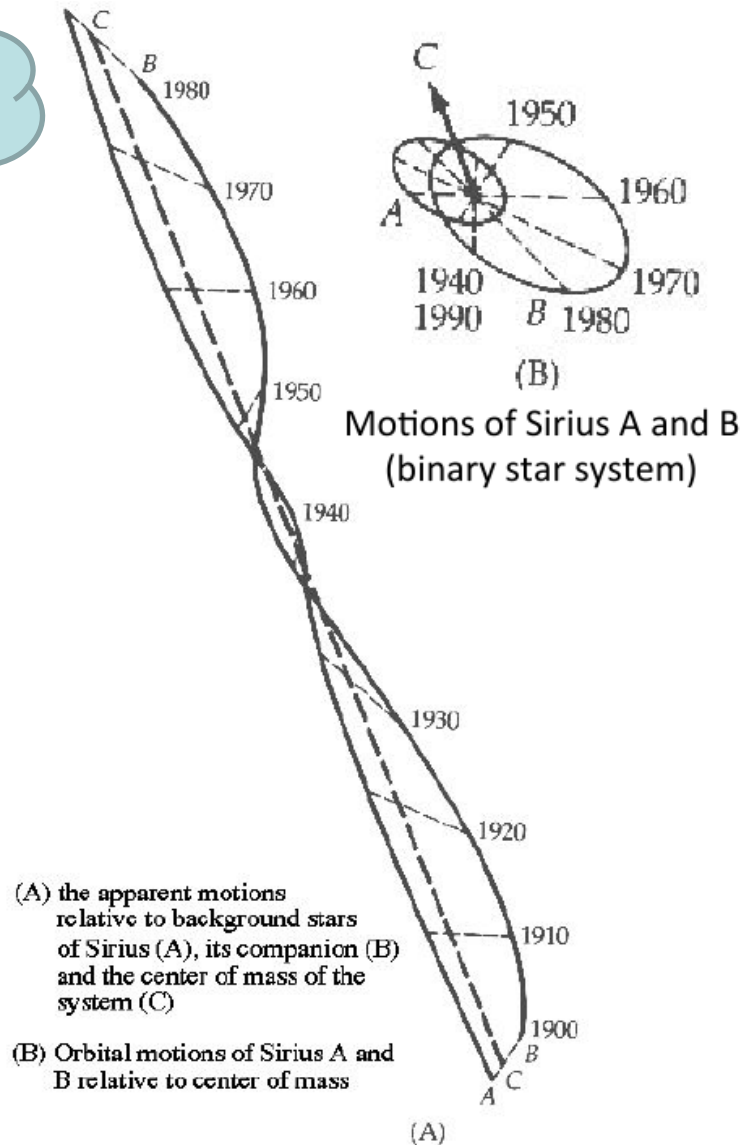
Friedrich
Bessel

$p'' = 0,379''$
2,64pc

1838: paralaxe 61 Cyg.

Após 10 anos de pesquisa
(1844) → Sirius é binária.

Morreu 16/3/1846 sem
conseguir observar Sirius B



Alvan Graham Clark (1832-1897) testou em 31 Jan 1862 um novo refrator de 18,5" (47 cm), o maior da época, e fez a primeira observação de Sirius B



Dearborn Observatory

- Informações detalhadas sobre as órbitas, em torno do centro de massa, permitem determinar as massas individuais.

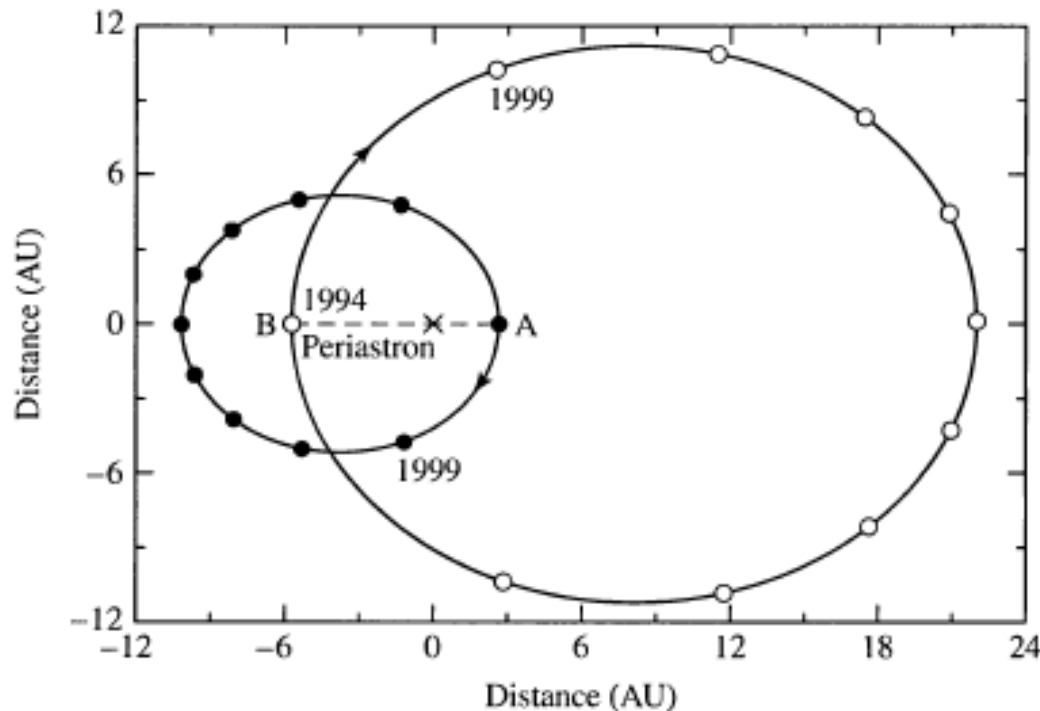
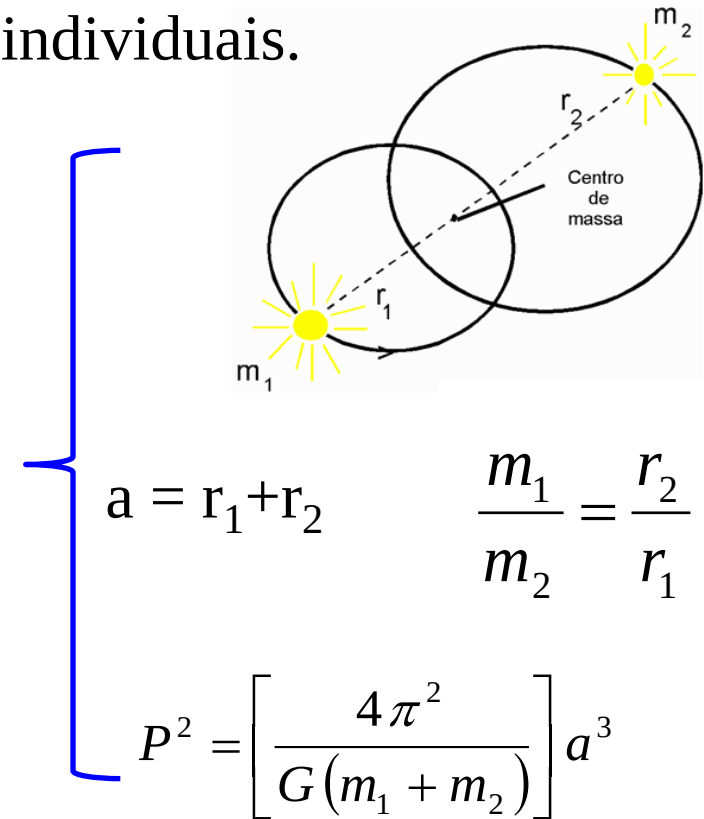


FIGURE 16.2 The orbits of Sirius A and Sirius B. The center of mass of the system is marked with an "x."



- Espectroscopia (Adams 1915)
revelou $T_B = 27000 \text{ K}$
 $T_A = 9910 \text{ K}$

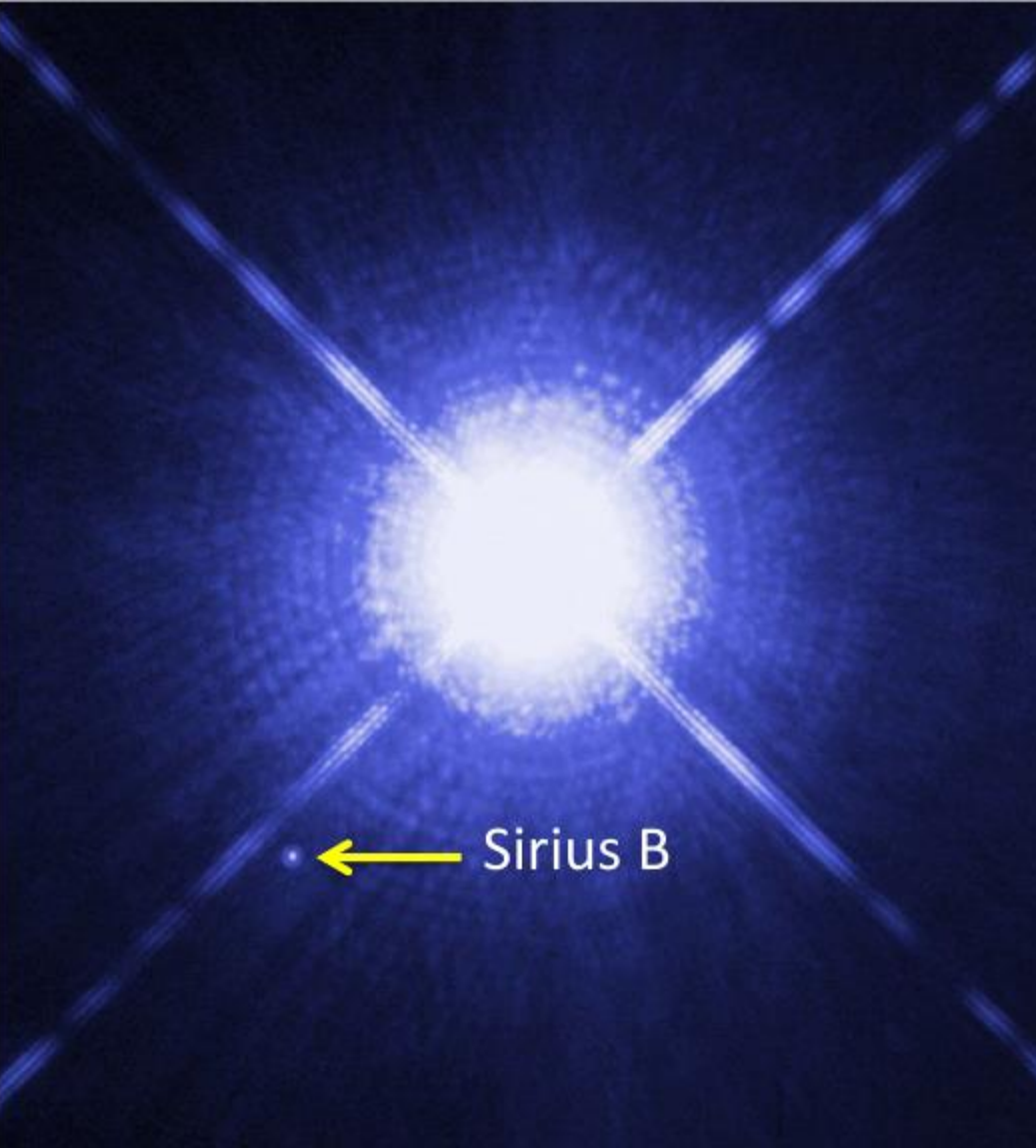
$$\left\{ \begin{array}{l} L = 4 \pi R^2 \sigma T^4 \\ R_B = 0,008 R_{\odot} \end{array} \right.$$

$$\rho = 3 \times 10^9 \text{ kg m}^{-3}$$

Massas e luminosidades de Sirius A e B

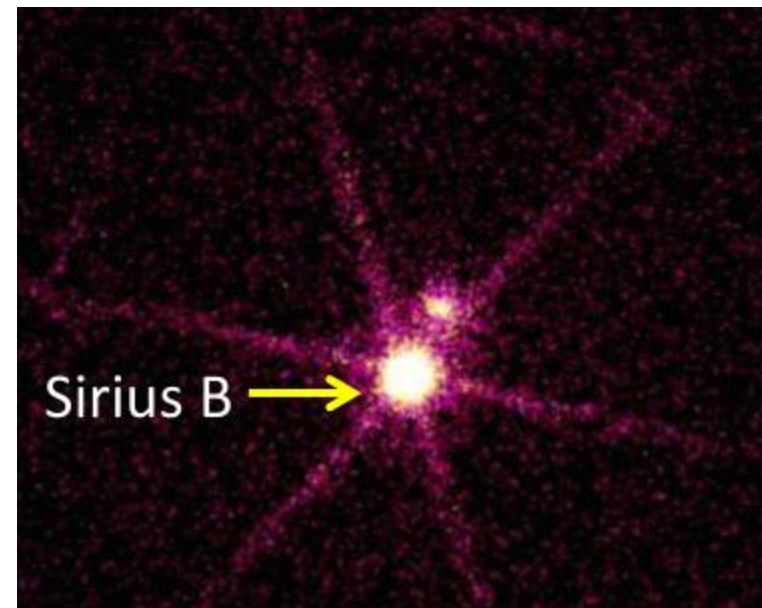
$$M_A = 2,3 M_{\odot} ; L_A = 23,5 L_{\odot}$$

$$M_B = 1,0 M_{\odot} ; L_B = 0,03 L_{\odot}$$



Hubble in the optical

<https://www.spacetelescope.org/images/heic0516a/>

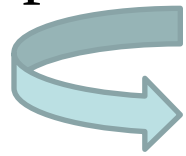


Chandra X-rays

<https://apod.nasa.gov/apod/ap001006.html>

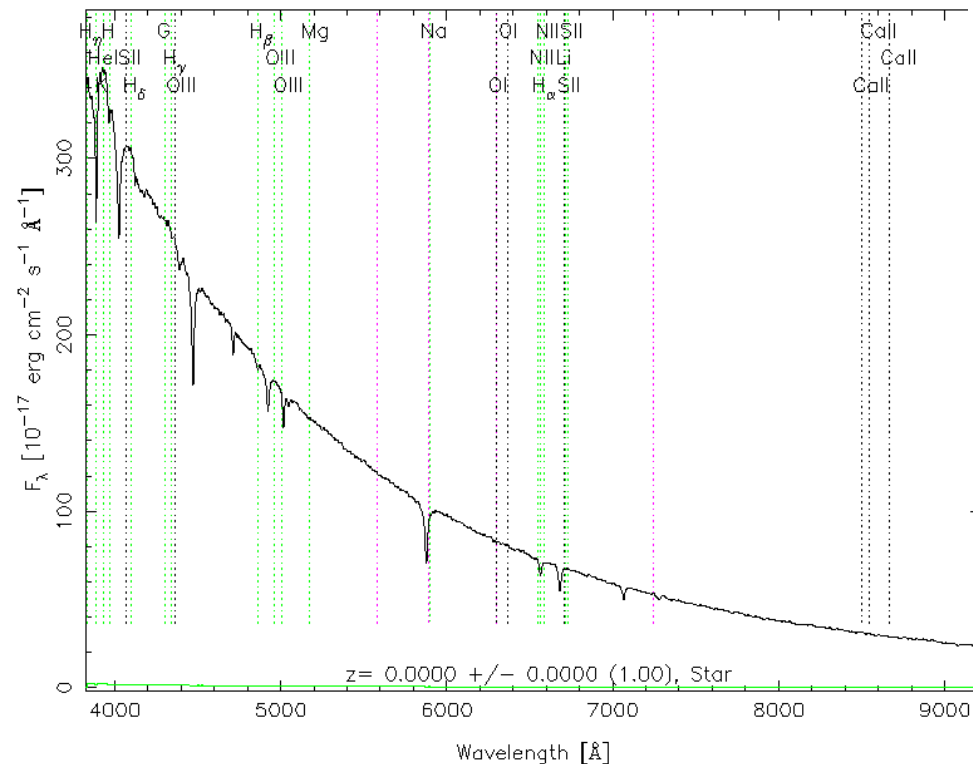
Alta **gravidade** ($4.6 \cdot 10^6 \text{ m s}^{-2}$)
na superfície da Anã Branca:

Anã Branca

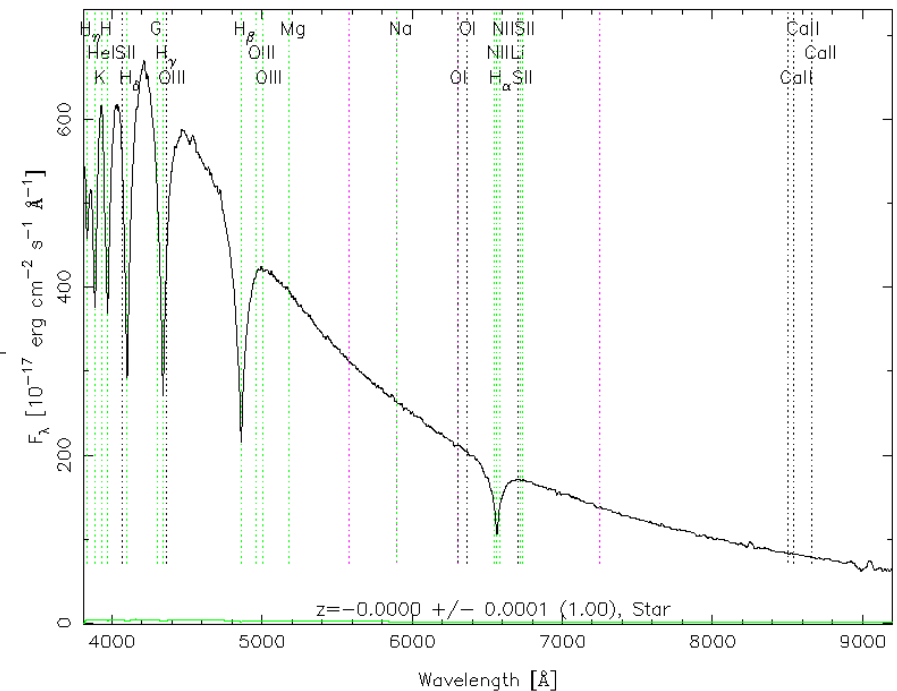


espectro com linhas
alargadas do H

RA=208.88508, DEC= 0.18999, MJD=51942, Plate= 301, Fiber=431



RA=10.09531, DEC=-0.35835, MJD=51793, Plate= 392, Fiber= 63

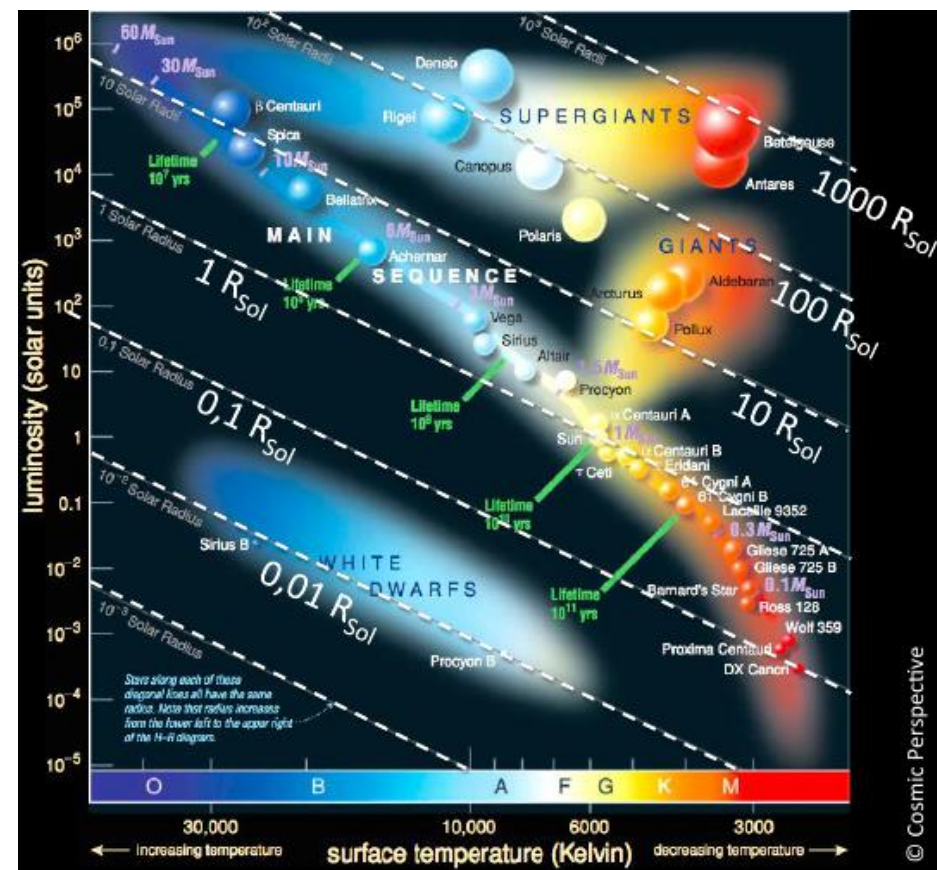


Tipo B (Sequência
Principal)

16.2 Tipos de Anãs Brancas

$T \sim 5000\text{K}$ a 80000K
↔ diferentes cores

- DA (as mais comuns): linhas do H alargadas.
- DB (8%): sem linhas do H, apenas He.
- DC (14%): sem linhas espectrais.
- DQ (carbono) e DZ (metais)



Condições físicas no centro das Anãs Brancas

Lembrando a equação do equilíbrio hidrostático:

$$\left\{ \begin{aligned} \frac{dP}{dr} &= -\frac{GM(r)}{r^2} \rho = -\frac{G\left(\frac{4}{3}\pi r^3 \rho\right)}{r^2} \rho \\ \frac{dP}{dr} &= -\frac{4}{3}\pi G \rho^2 r \end{aligned} \right.$$

Integrando e na superfície ($r=R$) adotando $P(R) = 0$ e $P_c = P(0)$:

$$\left\{ \begin{aligned} P(R) - P(r) &= -\frac{2}{3}\pi G \rho^2 (R^2 - r^2) \\ P_c &\approx \frac{2}{3}\pi G \rho^2 R_{wd}^2 \approx 3,8 \times 10^{22} \text{ Nm}^{-2} \end{aligned} \right.$$

Temperatura central das Anãs Brancas

Usando a expressão do gradiente de temperatura (Eq. 10.68)

$$\frac{dT}{dr} = -\frac{3}{4ac} \frac{\bar{\kappa}\rho}{T^3} \frac{L_r}{4\pi r^2}$$

$$\frac{T_{wd} - T_c}{R_{wd} - 0} = -\frac{3}{4ac} \frac{\bar{\kappa}\rho}{T_c^3} \frac{L_{wd}}{4\pi R_{wd}^2}$$

Supondo que na superfície ($T_{wd} \ll T_c$) e usando a opacidade média para espalhamento de elétrons (Eq. 9.27): $\bar{\kappa} = 0,02 m^2 kg^{-1}$

$$\frac{T_c^4}{R_{wd}} = \frac{3\bar{\kappa}\rho}{4ac} \frac{L_{wd}}{4\pi R_{wd}^2}$$

$$T_c = \left(\frac{3\bar{\kappa}\rho}{4ac} \frac{L_{wd}}{4\pi R_{wd}^2} \right)^{\frac{1}{4}} \approx 7,6 \times 10^7 K$$

Core sem H
ou material em fusão

Massa das Anãs Brancas

Na fase *AGB*, estrelas com *core* de He $\rightarrow M > 0,5 M_{\odot} \rightarrow$ fusão $\rightarrow$ *core* de C e O ionizados.

Anã Brancas $\rightarrow$ *core* exposto da estrela original ($M < 8 M_{\odot}$).

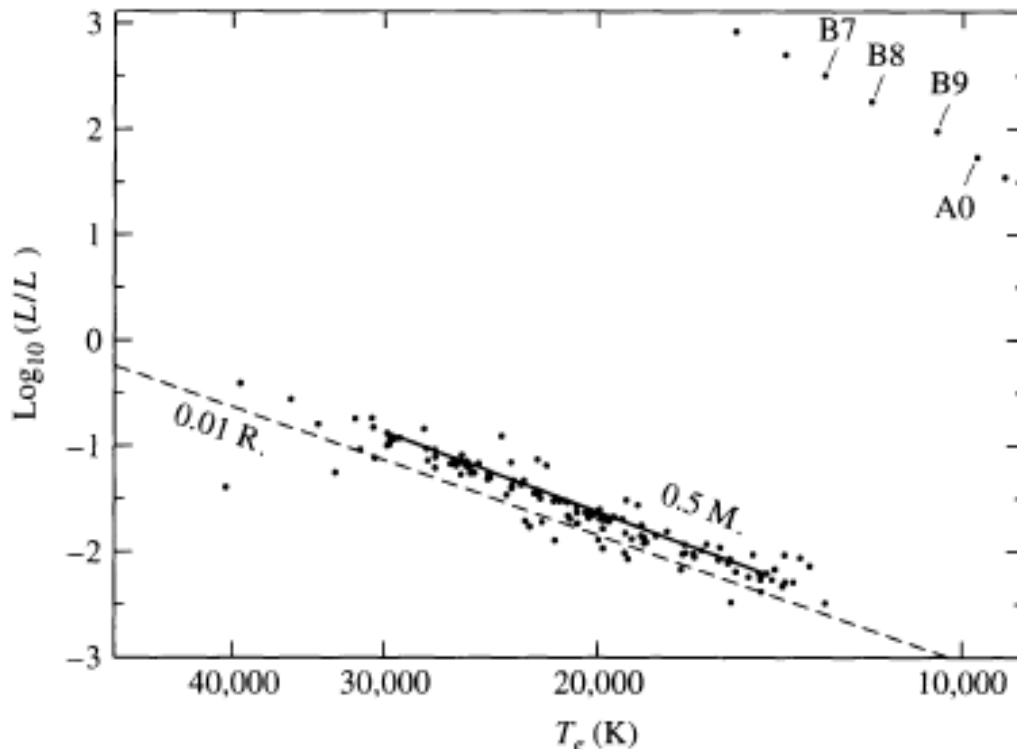


FIGURE 16.3 DA white dwarfs on an H-R diagram. A line marks the location of the $0.50 M_{\odot}$ white dwarfs, and a portion of the main sequence is at the upper right. (Data from Bergeron, Saffer, and Liebert, *Ap. J.*, 394, 228, 1992.)

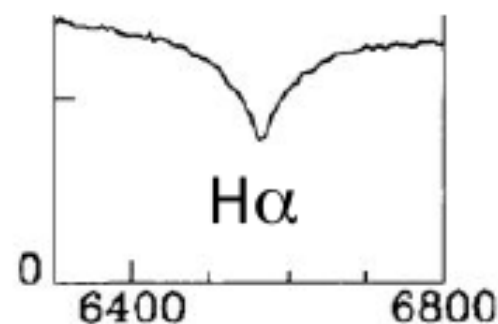
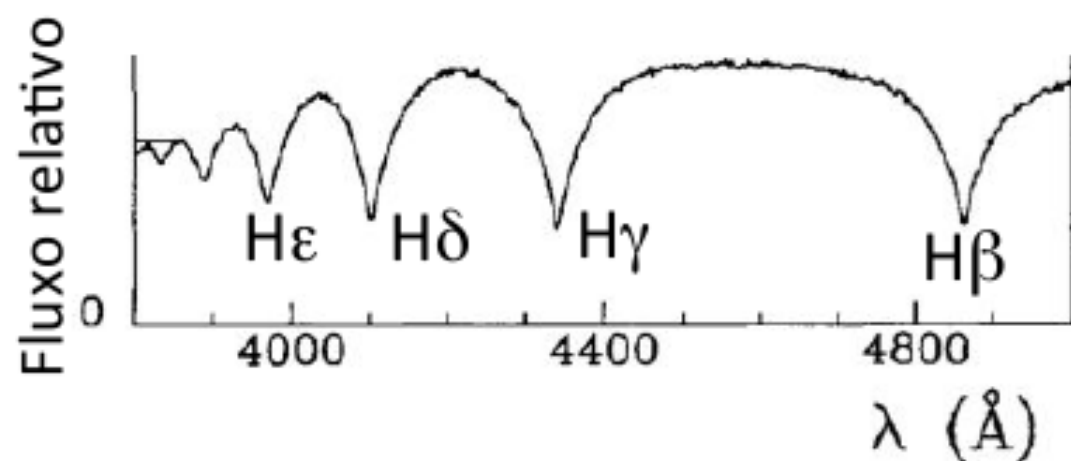
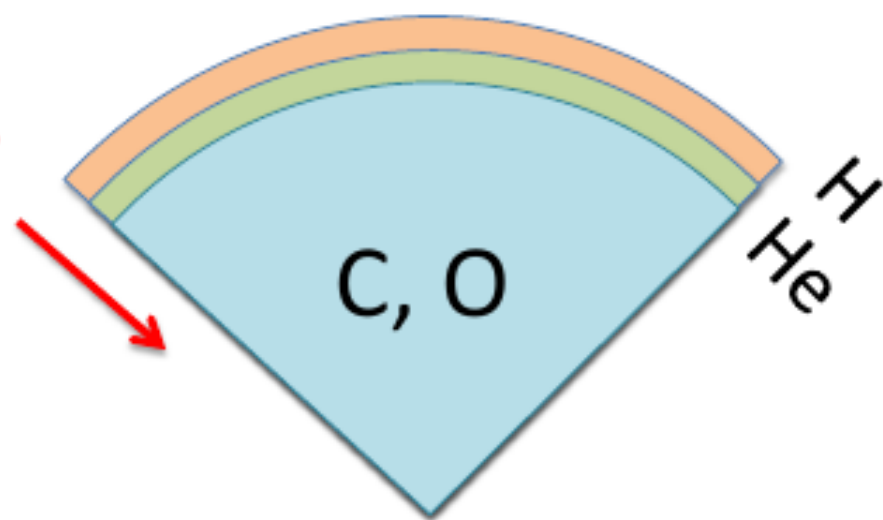
As de tipo DA (80%)
têm massas
0,42 a $0,7 M_{\odot}$

Grandes perdas de massa
na fase *AGB* $\rightarrow$ pulsos
térmicos e superventos

Espectro e composição superficial de Anãs Brancas

Devido à altíssima gravidade $\rightarrow$ elementos mais pesados para o interior: fina atmosfera do pouco H restante.

Escala de tempo ~ 100 anos



G 207-9, anã branca de tipo DA4.5

Anãs Brancas pulsantes

$T_{\text{eff}} > 12000\text{K} \rightarrow$ faixa de instabilidade

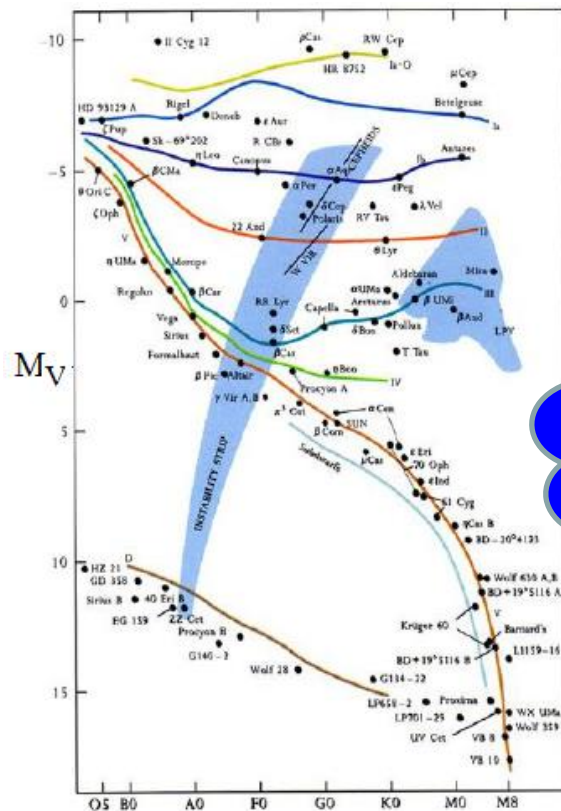
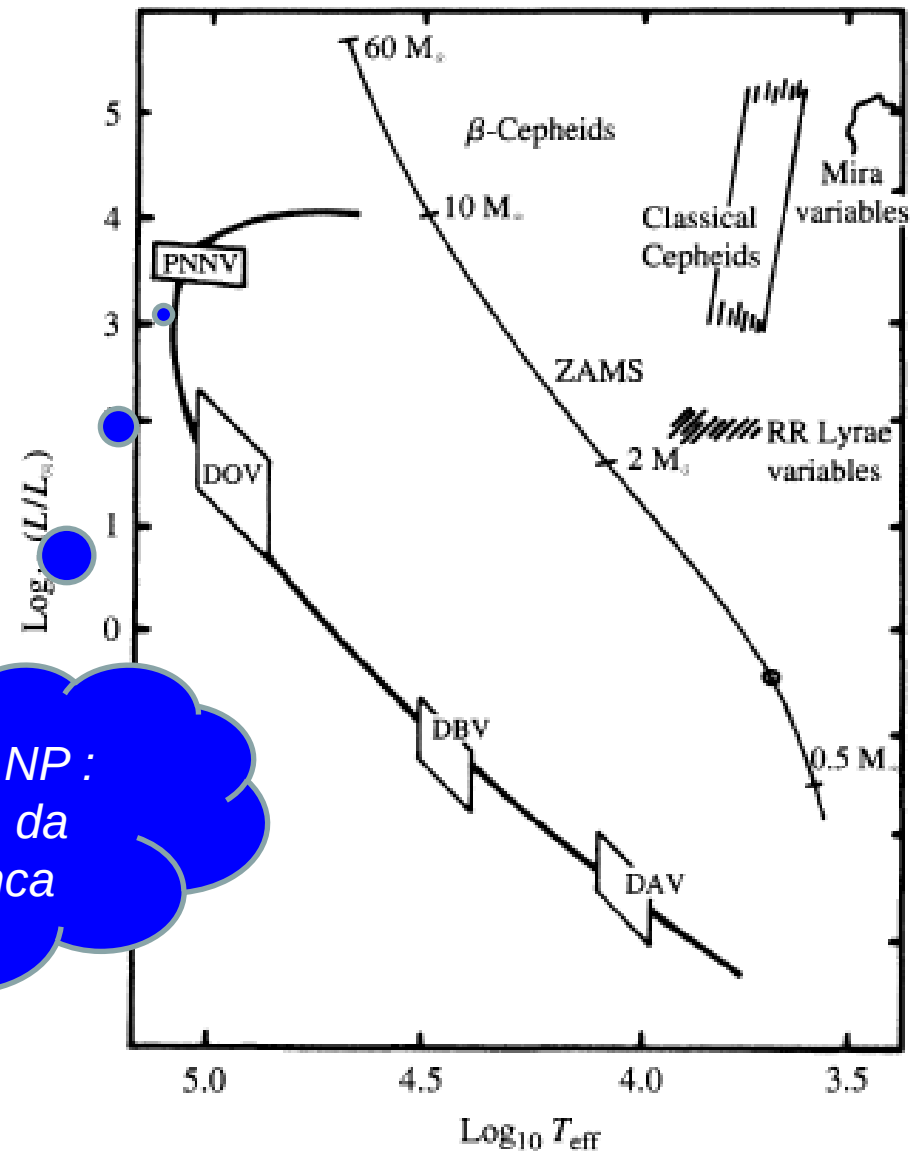


Fig. 8.16

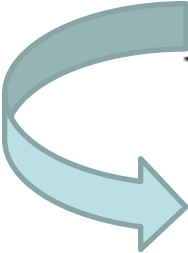


Núcleo de NP :
formação da
anã branca

FIGURE 16.4 Compact pulsators on the H-R diagram. (Figure adapted from Winget, *Advances in Helio- and Asteroseismology*, Christensen-Dalsgaard and Frandsen (eds.), Reidel, Dordrecht, 1988.)

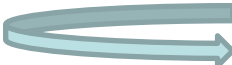
TABLE 14.1 Pulsating Stars. (Adopted from Cox, *The Theory of Stellar Pulsation*, Princeton University Press, Princeton, NJ, 1980.)

Type	Range of Periods	Population Type	Radial or Nonradial
Long-Period Variables	100–700 days	I,II	R
Classical Cepheids	1–50 days	I	R
W Virginis stars	2–45 days	II	R
RR Lyrae stars	1.5–24 hours	II	R
δ Scuti stars	1–3 hours	I	R,NR
β Cephei stars	3–7 hours	I	R,NR
ZZ Ceti stars	100–1000 seconds	I	NR



Anãs brancas variáveis: DAVs, DBVs...

16.3 Física da matéria degenerada

- Gás normal e pressão de radiação não são suficientes para reter o colapso gravitacional nas anãs brancas.
- Princípio de Exclusão de Pauli aplicado aos e^-
 pressão dos elétrons degenerados
- Matéria completamente degenerada: férmions ocupando todos os estados de menor energia.

Energia de Fermi (ε_F): máxima energia de um e^- num
 gás completamente degenerado a $T = 0K$

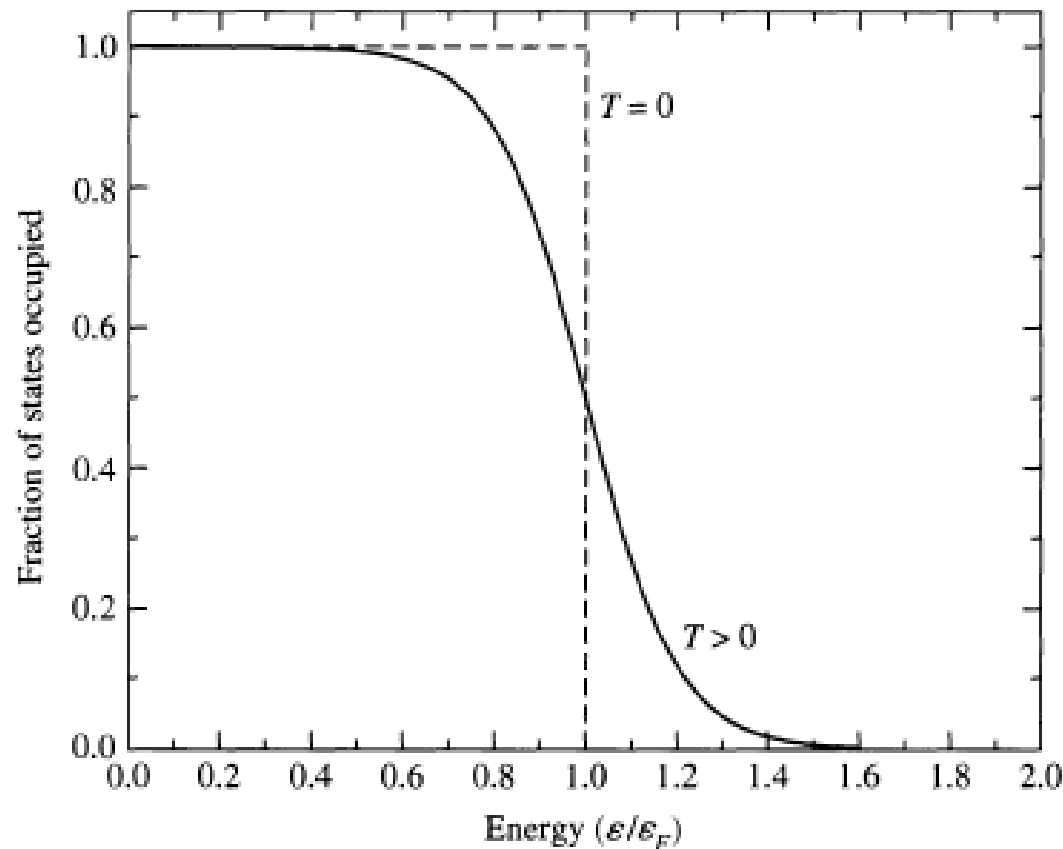


FIGURE 16.5 Fraction of states of energy ε occupied by fermions. For $T = 0$, all fermions have $\varepsilon \leq \varepsilon_F$, but for $T > 0$, some fermions have energies in excess of the Fermi energy.

Fração de estados de energia ocupados com **férmions**.
 Para $T > 0$ alguns e^- excedem ε_F



$$\varepsilon_F = \frac{\hbar^2}{2m} (3\pi^2 n)^{2/3}$$

Para deduzir ε_F , suponha e^- distribuídos em uma caixa de lado L . O comprimento de onda em cada dimensão será:

$$\varepsilon_F = \frac{\hbar^2}{2m} (3\pi^2 n)^{2/3}$$

$$\lambda_x = \frac{2L}{N_x}, \quad \lambda_y = \frac{2L}{N_y}, \quad \lambda_z = \frac{2L}{N_z},$$

where N_x , N_y , and N_z are integer quantum numbers associated with each dimension. Recalling that the de Broglie wavelength is related to momentum (Eq. 5.17),

$$p_x = \frac{\hbar N_x}{2L}, \quad p_y = \frac{\hbar N_y}{2L}, \quad p_z = \frac{\hbar N_z}{2L}.$$

Now, the total kinetic energy of a particle can be written as

$$\varepsilon = \frac{p^2}{2m},$$

where $p^2 = p_x^2 + p_y^2 + p_z^2$. Thus,

$$\varepsilon = \frac{\hbar^2}{8mL^2} (N_x^2 + N_y^2 + N_z^2) = \frac{\hbar^2 N^2}{8mL^2}, \quad (16.2)$$

Lembrando estados de spin: $m_s = \pm 1/2 \rightarrow N_T = 2 \times N_{x,y,z}$

spin). Now, each integer coordinate in N -space (e.g., $N_x = 1, N_y = 3, N_z = 1$) corresponds to the quantum state of two electrons. With a large enough sample of electrons, they can be thought of as occupying each integer coordinate out to a radius of $N = \sqrt{N_x^2 + N_y^2 + N_z^2}$, but only for the positive octant of N -space where $N_x > 0, N_y > 0$, and $N_z > 0$. This means that the total number of electrons will be

$$N_e = 2 \left(\frac{1}{8} \right) \left(\frac{4}{3} \pi N^3 \right).$$

Solving for N yields

$$N = \left(\frac{3N_e}{\pi} \right)^{1/3}.$$

Substituting into Eq. (16.2) and simplifying, we find that the Fermi energy is given by

$$\boxed{\varepsilon_F = \frac{\hbar^2}{2m} (3\pi^2 n)^{2/3}}, \quad (16.3)$$

where m is the mass of the electron and $n \equiv N_e/L^3$ is the number of electrons per unit volume. The average energy per electron at zero temperature is $\frac{3}{5}\varepsilon_F$. (Of course the derivation above applies for any fermion, not just electrons.)

Condição para degenerescência

- Nas altas densidades no interior da anã branca
→ completa degenerescência para $T > 0K$ (boa aproximação).

- Vamos estimar a energia de Férmí

$$\varepsilon_F = \frac{\hbar^2}{2m} (3\pi^2 n)^{2/3}$$

em função da temperatura e a densidade

Ionização completa: número de elétrons por unidade de volume:

$$n_e = \left(\frac{N_e}{\text{núcleon}} \right) \left(\frac{N_{\text{núcleons}}}{\text{volume}} \right) = \left(\frac{Z}{A} \right) \frac{\rho}{m_H}$$

$$\varepsilon_F = \frac{\hbar^2}{2m} \left[3\pi^2 \left(\frac{Z}{A} \right) \frac{\rho}{m_H} \right]^{2/3}$$

Condição para degenerescência (cont.)

- Comparação com a energia cinética do e⁻:

$$\frac{3}{2}kT < \frac{\hbar^2}{2m_e} \left[3\pi^2 \left(\frac{Z}{A} \right) \frac{\rho}{m_H} \right]^{2/3} \quad \Rightarrow \quad \frac{T}{\rho^{2/3}} < \frac{\hbar^2}{3m_e k} \left[\frac{3\pi^2}{m_H} \left(\frac{Z}{A} \right) \right]^{2/3}$$

Para $Z/A = 0,5$
definimos:

$$D = \frac{\hbar^2}{3m_e k} \left[\frac{3\pi^2}{m_H} \left(\frac{Z}{A} \right) \right]^{2/3} = 1261 \text{Km}^2 \text{kg}^{-2/3}$$

A condição para degenerescência será:

$$\frac{T}{\rho^{2/3}} < D$$

Example 16.3.1. How important is electron degeneracy at the centers of the Sun and Sirius B? At the center of the standard solar model (see Table 11.1), $T_c = 1.570 \times 10^7$ K and $\rho_c = 1.527 \times 10^5$ kg m⁻³. Then

$$\frac{T_c}{\rho_c^{2/3}} = 5500 \text{ K m}^2 \text{ kg}^{-2/3} > \mathcal{D}.$$

In the Sun, electron degeneracy is quite weak and plays a very minor role, supplying only a few tenths of a percent of the central pressure. However, as the Sun continues to evolve, electron degeneracy will become increasingly important (Fig. 16.6). As described in Section 13.2, the Sun will develop a degenerate helium core while on the red giant branch of the H–R diagram, leading eventually to a core helium flash. Later, on the asymptotic giant branch, the progenitor of a carbon–oxygen white dwarf will form in the core to be revealed when the Sun’s surface layers are ejected as a planetary nebula.

For Sirius B, the values of the density and central temperature estimated above lead to

$$\frac{T_c}{\rho_c^{2/3}} = 37 \text{ K m}^2 \text{ kg}^{-2/3} \ll \mathcal{D},$$

so complete degeneracy is a valid assumption for Sirius B.

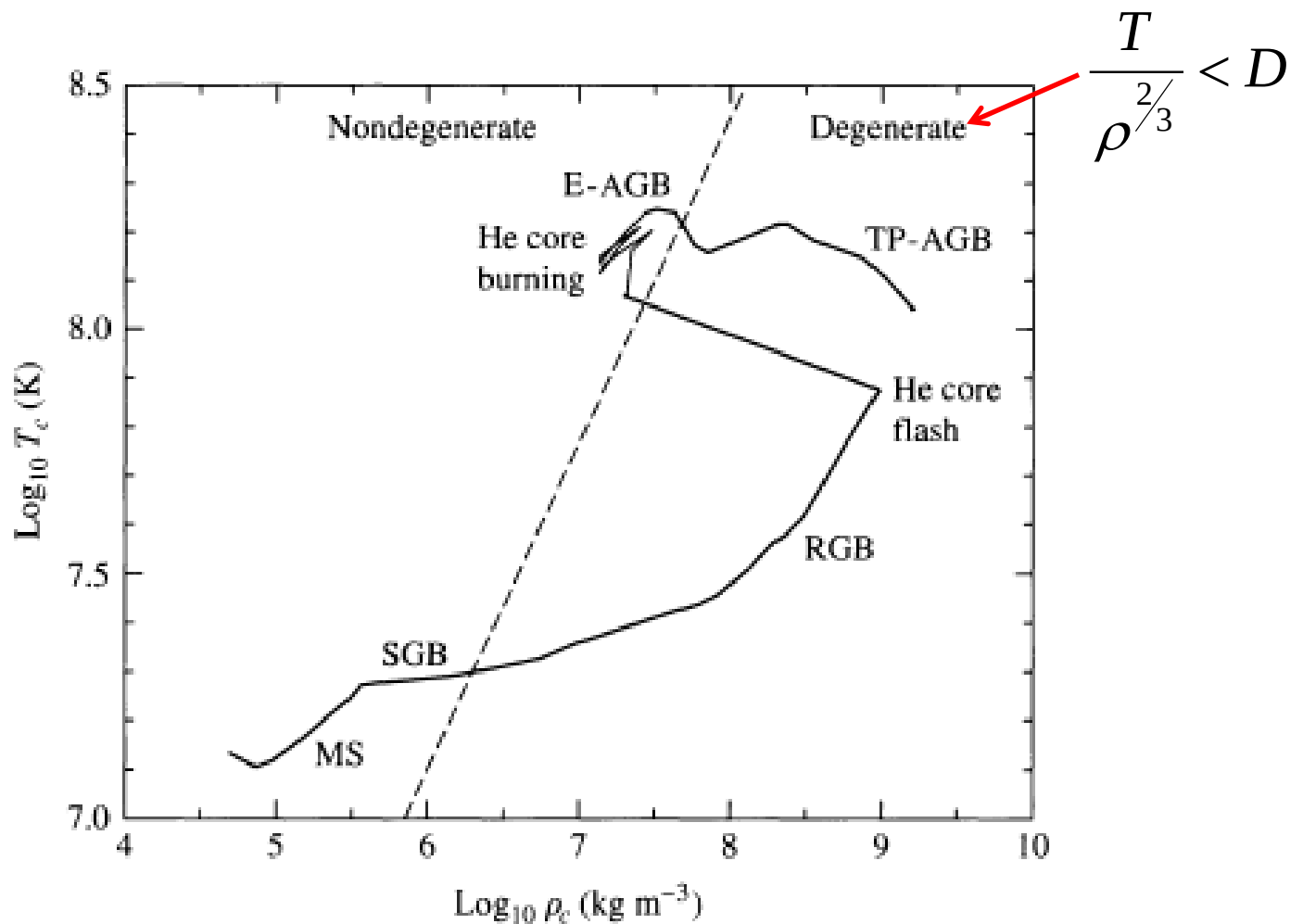


FIGURE 16.6 Degeneracy in the Sun's center as it evolves. (Data from Mazzitelli and D'Antona, *Ap. J.*, 311, 762, 1986.)

Example 16.3.1. How important is electron degeneracy at the centers of the Sun and Sirius B? At the center of the standard solar model (see Table 11.1), $T_c = 1.570 \times 10^7$ K and $\rho_c = 1.527 \times 10^5$ kg m⁻³. Then

$$\frac{T_c}{\rho_c^{2/3}} = 5500 \text{ K m}^2 \text{ kg}^{-2/3} > \mathcal{D}.$$

In the Sun, electron degeneracy is quite weak and plays a very minor role, supplying only a few tenths of a percent of the central pressure. However, as the Sun continues to evolve, electron degeneracy will become increasingly important (Fig. 16.6). As described in Section 13.2, the Sun will develop a degenerate helium core while on the red giant branch of the H–R diagram, leading eventually to a core helium flash. Later, on the asymptotic giant branch, the progenitor of a carbon–oxygen white dwarf will form in the core to be revealed when the Sun’s surface layers are ejected as a planetary nebula.

For Sirius B, the values of the density and central temperature estimated above lead to

$$\frac{T_c}{\rho_c^{2/3}} = 37 \text{ K m}^2 \text{ kg}^{-2/3} \ll \mathcal{D},$$

so complete degeneracy is a valid assumption for Sirius B.

Pressão de elétrons degenerados

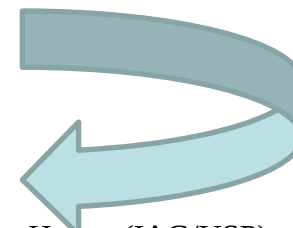
Devem ser respeitados ambos: princípio de exclusão de Pauli e princípio de incerteza de Heinsenberg:

$$\Delta x \Delta p \approx \hbar$$

A pressão integral (Eq. 10.8) é: $P \approx \frac{1}{3} n_e p v$

Usando $\left\{ \begin{array}{l} n_e = \left(\frac{Z}{A} \right) \frac{\rho}{m_H} \\ p_x \approx \Delta p_x \approx \frac{\hbar}{\Delta x} \approx \hbar n_e^{1/3} \end{array} \right. \left\{ \begin{array}{l} P \approx \frac{\hbar^2}{m_e} \left[\left(\frac{Z}{A} \right) \frac{\rho}{m_H} \right]^{5/3} \\ \sim 2 \text{ vezes menor que o} \\ \text{valor do que a expressão} \\ \text{correta} \end{array} \right.$

$$P = \frac{(3\pi^2)^{2/3}}{5} \frac{\hbar^2}{m_e} \left[\left(\frac{Z}{A} \right) \frac{\rho}{m_H} \right]^{5/3}$$



Pressão de elétrons degenerados (cont.)

$$P = \frac{(3\pi^2)^{2/3}}{5} \frac{\hbar^2}{m_e} \left[\left(\frac{Z}{A} \right) \frac{\rho}{m_H} \right]^{5/3}$$

Para $Z/A=0,5 \rightarrow$ anã branca tipo C-O (Sirius B)

$$P = 1,9 \times 10^{22} \text{ Nm}^{-2}$$

$\rightarrow$ pressão de e^- degenerados é responsável por manter a anã branca em equilíbrio.

16.4 Limite de Chandrasekhar: a massa limite das anãs brancas → obtida a partir da **relação massa-volume** igualando-se a pressão central

com a pressão
de degenerescência

$$P_c \approx \frac{2}{3} \pi G \rho^2 R_{wd}^2 \qquad P = \frac{(3\pi^2)^{2/3}}{5} \frac{\hbar^2}{m_e} \left[\left(\frac{Z}{A} \right) \frac{\rho}{m_H} \right]^{5/3}$$

$$\frac{2}{3} \pi G \rho^2 R_{wd}^2 = \frac{(3\pi^2)^{2/3}}{5} \frac{\hbar^2}{m_e} \left[\left(\frac{Z}{A} \right) \frac{\rho}{m_H} \right]^{5/3}$$

$$R_{wd}^2 = \left(\frac{3}{2\pi G \rho^2} \right) \frac{(3\pi^2)^{2/3}}{5} \frac{\hbar^2}{m_e} \left[\left(\frac{Z}{A} \right) \frac{\rho}{m_H} \right]^{5/3}$$

Limite de Chandrasekhar (cont.)

$$R_{wd}^2 = \left(\frac{3}{2\pi G \rho^2} \right) \frac{(3\pi^2)^{2/3}}{5} \frac{\hbar^2}{m_e} \left[\left(\frac{Z}{A} \right) \frac{\rho}{m_H} \right]^{5/3}$$

$$\rho = \frac{M_{wd}}{\frac{4}{3}\pi R_{wd}^3}$$

$$R_{wd}^2 = \left(\frac{3^{1+2/3}}{10} \right) \pi^{4/3-1} \frac{\hbar^2}{Gm_e} \left[\left(\frac{Z}{A} \right) \frac{1}{m_H} \right]^{5/3} \rho^{5/3-2}$$


$$R_{wd}^2 = \left(\frac{3^{5/3}}{10} \right) \pi^{1/3} \frac{\hbar^2}{Gm_e} \left[\left(\frac{Z}{A} \right) \frac{1}{m_H} \right]^{5/3} \left(\frac{4\pi R_{wd}^3}{3M_{wd}} \right)^{1/3}$$

Limite de Chandrasekhar (cont.)

$$R_{wd}^2 = \left(\frac{3^{5/3}}{10} \right) \pi^{1/3} \frac{\hbar^2}{Gm_e} \left[\left(\frac{Z}{A} \right) \frac{1}{m_H} \right]^{5/3} \left(\frac{4\pi R_{wd}^3}{3M_{wd}} \right)^{1/3}$$

$$R_{wd}^2 = \left(\frac{3^{5/3-1/3}}{10} 4^{1/3} \right) \pi^{1/3+1/3} \frac{\hbar^2}{Gm_e} \left[\left(\frac{Z}{A} \right) \frac{1}{m_H} \right]^{5/3} R_{wd} \left(\frac{1}{M_{wd}} \right)^{1/3}$$

$$R_{wd} = \left(\frac{3^{4/3}}{10} 2^{2/3} \right) \pi^{2/3} \frac{\hbar^2}{Gm_e M_{wd}^{1/3}} \left[\left(\frac{Z}{A} \right) \frac{1}{m_H} \right]^{5/3}$$

$$R_{wd} = \left(\frac{(18\pi)^{2/3}}{10} \right) \frac{\hbar^2}{Gm_e M_{wd}^{1/3}} \left[\left(\frac{Z}{A} \right) \frac{1}{m_H} \right]^{5/3}$$

Limite de Chandrasekhar (cont.)

$$R_{wd} = \left(\frac{(18\pi)^{2/3}}{10} \right) \frac{\hbar^2}{Gm_e M_{wd}^{1/3}} \left[\left(\frac{Z}{A} \right) \frac{1}{m_H} \right]^{5/3}$$

$$\rho = \frac{M_{wd}}{\frac{4}{3}\pi R_{wd}^3} = cte$$



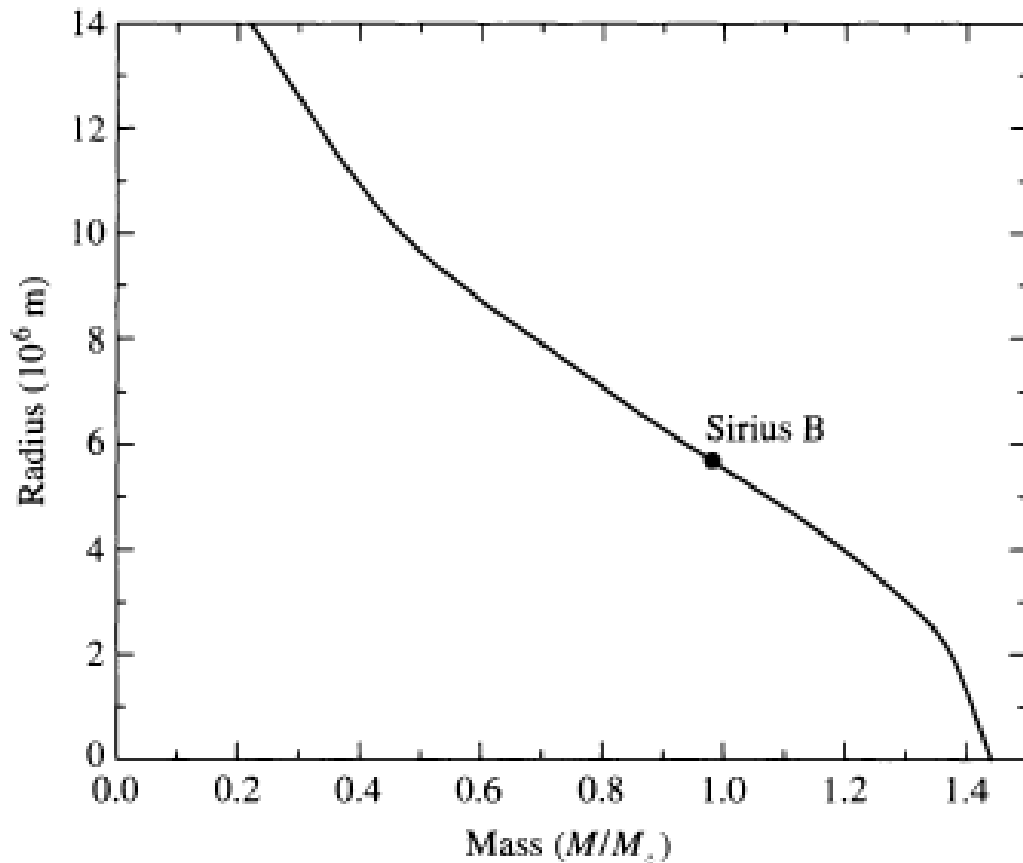
$$M_{wd} R_{wd}^3 = cte$$

$$M_{wd} V_{wd} = cte$$

$M = 1 M_{\odot}$
 $R \sim 2,9 \times 10^6 m$
menor (fator 2)
mas compatível
com o raio da
anã branca.



Relação
Massa-Volume



Massa limite:

$$M_{\text{Ch}} = 1,44 M_{\odot}$$

Nenhuma Anã
Branca
encontrada
com $M > M_{\text{Ch}}$

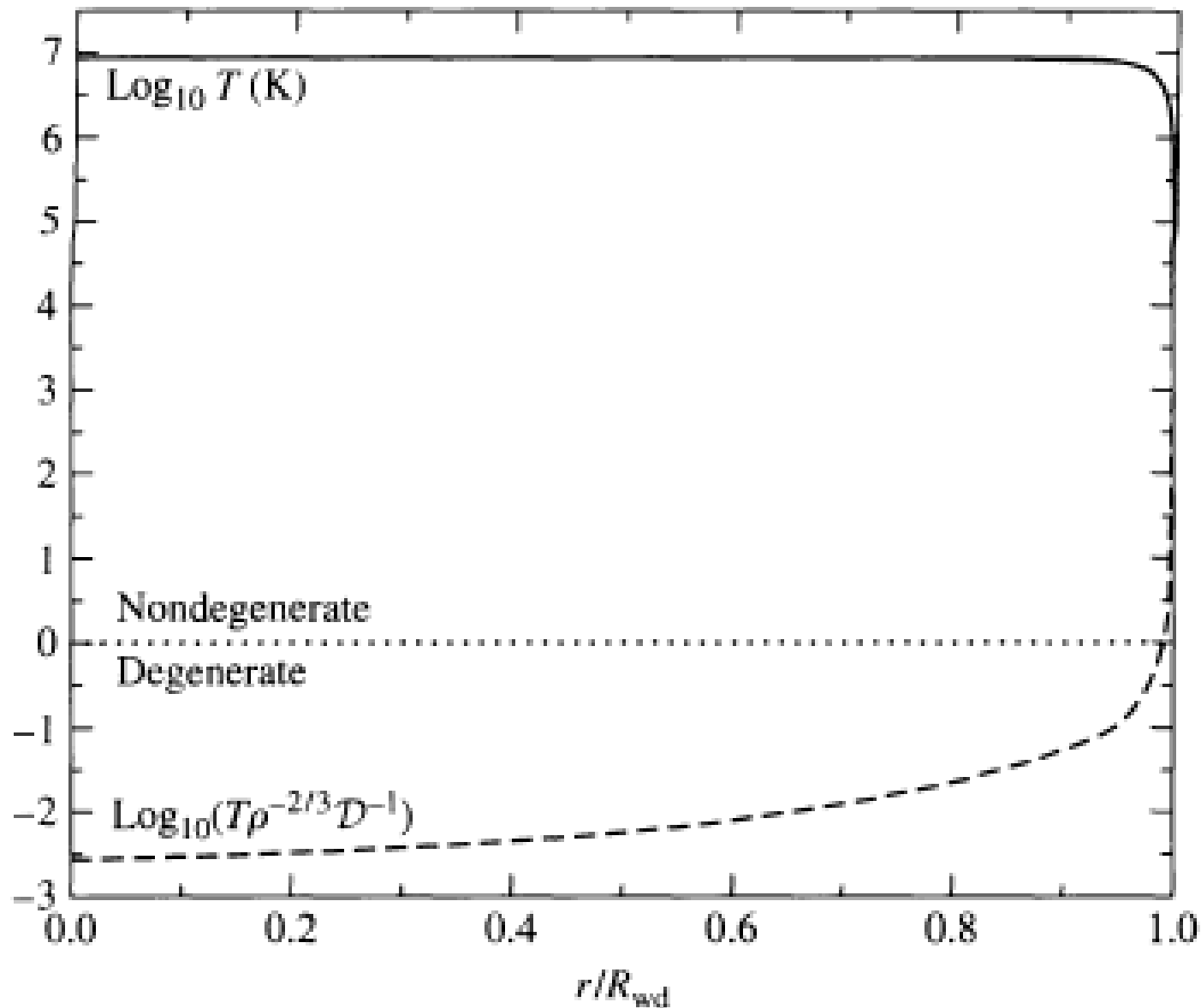
FIGURE 16.7 Radii of white dwarfs of $M_{\text{wd}} \leq M_{\text{Ch}}$ at $T = 0$ K.

16.5 O resfriamento das anãs brancas

- Sem fonte de energia (fusão nuclear) no interior da anã branca, a estrela resfria lentamente.
- O transporte de energia mais eficiente é por condução dos elétrons → maior parte da estrela é isotérmica,

circundada por uma **camada não-degenerada** onde a **temperatura cai** de forma mais significativa.





$$\frac{T}{\rho^{2/3}} < D$$

FIGURE 16.8 Temperature and degree of degeneracy in the interior of a white dwarf model. The horizontal dotted line marks the boundary between degeneracy and nondegeneracy as described by Eq. (16.6).

$$D \equiv 1261 \text{ K m}^2 \text{ kg}^{-2/3}$$

Condições das camadas não degeneradas (Apêndice L)

A pressão do envoltório em função da temperatura:

$$P = \left(\frac{4}{17} \frac{16\pi ac}{3} \frac{GM_{wd}}{L_{wd}} \frac{k}{K_o \mu m_H} \right)^{1/2} T^{17/4}$$

onde coeficiente de opacidade *bound-free* de Kramers (Eq. 9.22) $\rightarrow K_o = 4,34 \times 10^{21} Z(1+X) \text{ m}^2 \text{ kg}^{-1}$.

Usando a lei do gás ideal (Eq. 10.11):

$$P_g = \frac{\rho k T}{\mu m_H} \quad \Rightarrow \quad \rho = \left(\frac{4}{17} \frac{16\pi ac}{3} \frac{GM_{wd}}{L_{wd}} \frac{\mu m_H}{K_o k} \right)^{1/2} T^{13/4}$$

A transição entre o interior isotérmico (T_c) e as camadas superficiais não-degeneradas é dada pela igualdade:

$$\frac{T_c}{\rho^{2/3}} = D \rightarrow T_c = D\rho^{2/3}$$

$$\rho = \left(\frac{4}{17} \frac{16\pi ac}{3} \frac{GM_{wd}}{L_{wd}} \frac{\mu m_H}{K_o k} \right)^{1/2} T_c^{13/4}$$



$$T_c = D \left(\frac{4}{17} \frac{16\pi ac}{3} GM_{wd} \frac{\mu m_H}{K_o k} \right)^{1/3} \frac{1}{L_{wd}^{1/3}} T_c^{13/6}$$

$$L_{wd}^{1/3} = D \left(\frac{4}{17} \frac{16\pi ac}{3} GM_{wd} \frac{\mu m_H}{K_o k} \right)^{1/3} T_c^{13/6-1}$$

$$L_{wd}^{1/3} = D \left(\frac{4}{17} \frac{16\pi ac}{3} GM_{wd} \frac{\mu m_H}{K_o k} \right)^{1/3} T_c^{13/6-1}$$

$$L_{wd} = D^3 \left(\frac{4}{17} \frac{16\pi ac}{3} GM_{wd} \frac{\mu m_H}{K_o k} \right) \left(T_c^{7/6} \right)^3$$

$$L_{wd} = \frac{4D^3}{17} \frac{16\pi ac}{3} GM_{wd} \frac{\mu m_H}{K_o k} T_c^{7/2} \quad \Rightarrow \quad L_{wd} = CT_c^{7/2}$$

$$C \equiv \frac{4D^3}{17} \frac{16\pi ac}{3} G \frac{\mu m_H}{K_o k} M_{wd} \quad \Rightarrow \quad C \equiv 6,65 \times 10^{-3} \frac{M_{wd}}{M_{sun}} \frac{\mu}{Z(1+X)}$$

Example 16.5.1. Equation (16.19) can be used to estimate the interior temperature of a $1 M_{\odot}$ white dwarf with $L_{\text{wd}} = 0.03 L_{\odot}$. Arbitrarily assuming values of $X = 0$, $Y = 0.9$, $Z = 0.1$ for the nondegenerate envelope (so $\mu \simeq 1.4$) results in¹⁶

$$T_c = \left[\frac{L_{\text{wd}}}{6.65 \times 10^{-3}} \left(\frac{M_{\odot}}{M_{\text{wd}}} \right) \frac{Z(1+X)}{\mu} \right]^{2/7} = 2.8 \times 10^7 \text{ K}.$$

Equating the two sides of the degeneracy condition, Eq. (16.6), shows that the density at the base of the nondegenerate envelope is about

$$\rho = \left(\frac{T_c}{\mathcal{D}} \right)^{3/2} = 3.4 \times 10^6 \text{ kg m}^{-3}.$$

This result is several orders of magnitude less than the average density of a $1 M_{\odot}$ white dwarf such as Sirius B and confirms that the envelope is indeed thin, contributing very little to the star's total mass.

Escala de tempo de esfriamento

A energia térmica da anã branca é dada pela energia cinética de seus núcleos.

Supondo composição uniforme, o número de núcleos é a massa da estrela (M_{wd}) dividida pela massa de 1 núcleo (Am_H), e a energia disponível para radiação será:

$$U = \frac{M_{wd}}{Am_H} \frac{3}{2} kT_c$$

Para $T_c = 2,8 \times 10^7 K$
e $A=12$ (carbono),
 $U = 6 \times 10^{40} J$

Para estimar o tempo de esfriamento dividimos a energia pela luminosidade da anã branca:

$$L_{wd} = CT_c^{7/2}$$


$$\tau_{cool} = \frac{U}{L_{wd}} = \frac{3}{2} \frac{M_{wd} k}{Am_H CT_c^{5/2}}$$

Escala de tempo de esfriamento (cont.) $\tau_{cool} = \frac{3}{2} \frac{M_{wd} k}{A m_H C T_c^{5/2}}$

$$\tau_{cool} = 5,2 \times 10^{15} s \approx 1,7 \times 10^8 \text{ anos}$$

resultado sub-estimado, já que τ_{cool} aumenta conforme T_c diminui.

Variação da Luminosidade com o tempo: $-\frac{dU}{dt} = L_{wd}$

$$L_{wd} = L_0 \left(1 + \frac{5}{2} \frac{t}{\tau_0} \right)^{-7/5} \quad \text{onde o valor inicial é} \quad L_0 = C T_0^{7/2}$$

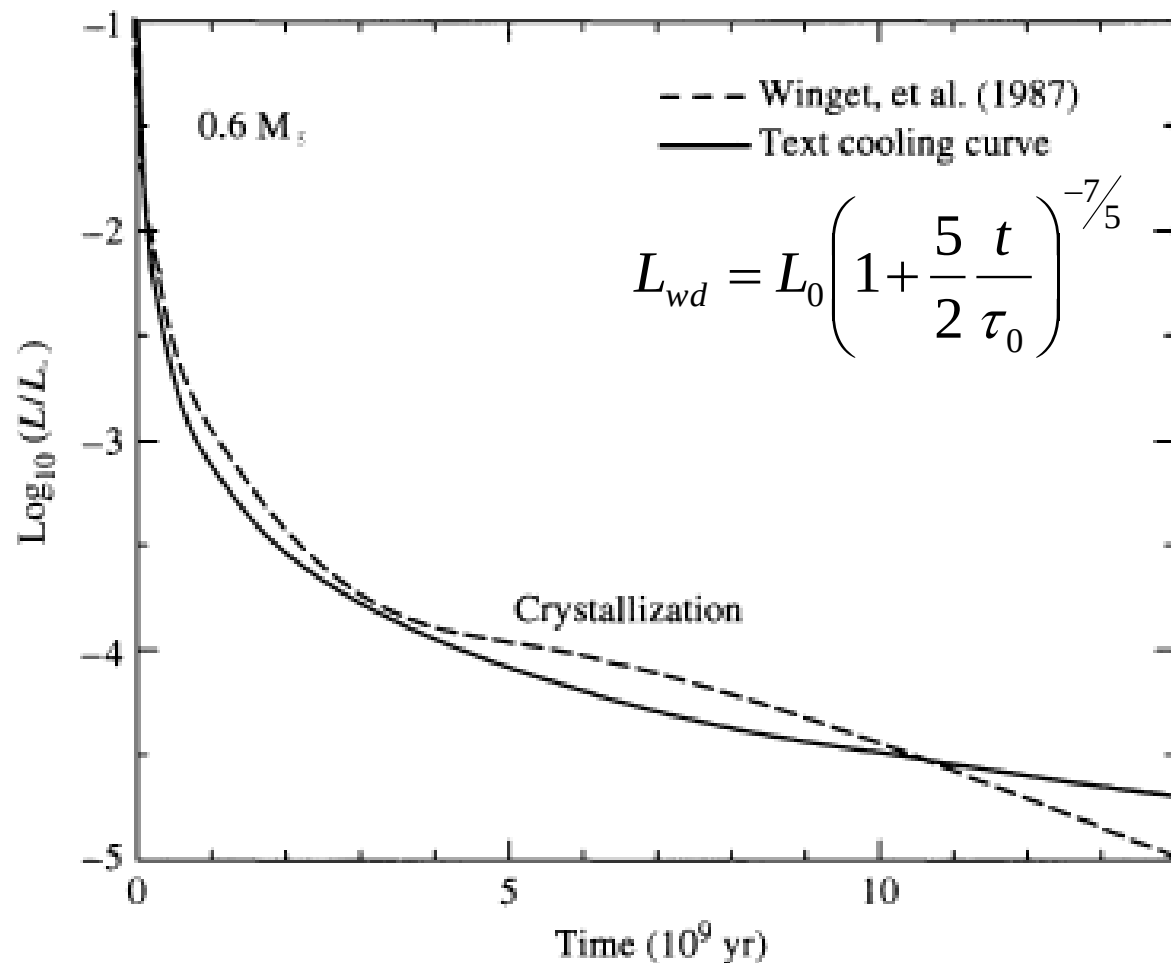


FIGURE 16.9 Theoretical cooling curves for $0.6 M_{\odot}$ white-dwarf models. [The solid line is from Eq. (16.23), and the dashed line is from Winget et al., *Ap. J. Lett.*, 315, L77, 1987.]

O resfriamento da estrela é seguido da **cristalização do carbono** e do oxigênio (“estrela de diamante”).

Próxima aula

- 16.6 Estrelas de nêutrons
- 16.7 Pulsares